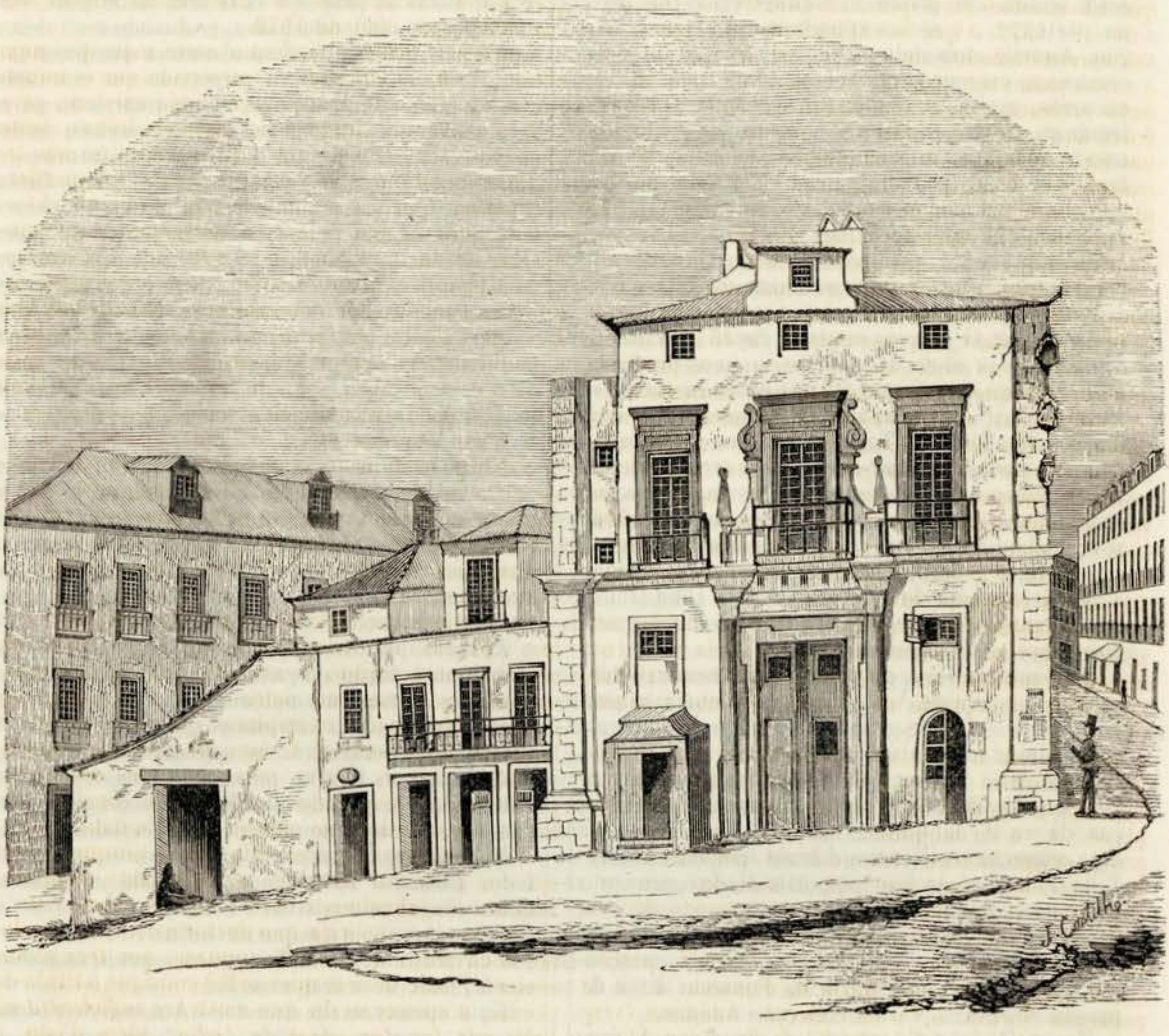
LISBOA VELHA



Casebres do Loreto — Desenho de J. de Castilho — Gravura de Coelho

PORTUGAL E FILIPPE IV DE CASTELLA — TOMADA D'EVORA POR D. JOÃO D'AUSTRIA E O SANTO MOTIM — O PALACIO DO MARQUEZ DE MARIALVA — A VICTORIA DO CANAL — OS CASEBRES DO LORETO.

Vinte e tres annos eram passados depois que a gloriosa revolução de 1640 acabára com o dominio estrangeiro, proclamando a independencia de Portugal, e elevando ao throno de Affonso Henriques um principe portuguez.

Vinte e tres annos tinham sido esses de uma lucta heroica e cheia de loiros para Portugal, em que os seus triumphos se contaram pelo numero das batalhas.

N'este facto grandioso, de uma pequena nação abatida moral e physicamente por grandes desgraças, e pela oppressão systematica de um governo usurpador, luctando e vencendo contra uma potencia grande e ainda poderosa, n'este facto grandioso, repetimos, parecia querer mostrar a Providencia a força irresistivel de um povo na defensa da sua liberdade.

Comtudo, o governo castelhano, na sua cegueira de poder caduco, não via n'este facto mais que um capricho da sorte. Não havia perda, por mais desastrosa que fosse, nem revez, por mais que se ostentasse miraculoso pela desproporção das forças, que fizessem desistir Filippe IV de querer dobrar á sua vontade real o pretendido capricho da sorte.

Durante essa guerra sem tréguas, começavam para elle os annos em esperanças, corriam ferteis em desastres, e acabavam em tristes desenganos. Mas nem assim se desenganava o obcecado monarcha; antes pelo contrario, saindo da peleja sempre vencido, ia dispor novos meios de aggressão, e empregar maiores esforços para sujeitar Portugal.

Tudo eram pois apercebimentos militares em Hespanha ao principiar do anno de 1663. Faziam-se novas levas de recrutas para os exercitos de Italia, e mandavam-se vir d'este paiz as tropas mais aguerridas, e os cabos mais experimentados para a proxima campanha de Portugal. D. João d'Austria, filho bastardo de Filippe IV, e generalissimo dos seus exercitos na Italia, onde adquirira um grande nome, sobre tudo depois da conquista de Napoles, foi chamado a Madrid para tomar o commando em chefe d'aquellas tropas.

Os cortezãos faziam persuadir a el-rei que os portuguezes não resistiriam d'esta vez ao poder de Castella. E D. João d'Austria, confiado na sua sciencia e na fortuna que nunca o tinha abandonado, promettia a victoria, e fazia alardo das forças de que dispunha, publicando e affixando nos logares mais publicos de Madrid a organisação do exercito do seu commando, com a enumeração minuciosa das tro-

pas, que o compunham, e do material de guerra que trazia.

Apesar de serem mui conhecidas e proverbiaes as exaggerações castelhanas, não deixou aquelle apparato bellico de produzir algum receio no governo portuguez, e sérias apprehensões em toda a nação. Aquelle, tomando as disposições que julgou necessarias, ou que eram compativeis com os seus recursos, melhorou as fortificações das praças da fronteira, augmentou-lhes a guarnição, aprovisionou-as bem de viveres e munições, e formou no Alemtejo, que era a provincia mais ameaçada, um exercito, cujo commando confiou ao conde de Villa Flor, D. Sancho Manuel de Vilhena.

Estas prevenções, todavia, não agradavam em geral á nação, que as reputou muito inferiores á gravidade das circunstancias, e aos meios de que o paiz podia dispor. O proprio general, conde de Villa Flor, representou a el-rei D. Affonso VI, mostrando-lhe a desegualdade das forças do seu exercito em relação ás do exercito invasor, que já se achava nas immediações de Badajoz. Teve porém em resposta, que não era possivel enviar-se-lhe mais tropas, nem artilheria, sem que se desguarnecessem, e deixassem sem defensa as outras provincias. O povo murmurou; tachou o governo de falta de energia; mas resignou-se, e esperou os successos com anxiedade.

A seis de maio do referido anno de 1663 transpoz a fronteira do Alemtejo o exercito hespanhol, e acampou sobre as barrocas do Caia.

Esta noticia foi logo levada a Estremoz, onde se achava o conde de Villa Flor com o exercito portuguez. Resolveu este general esperar pelos movimentos do inimigo para regular os seus.

Tudo fazia suppor que começariam as operações pelo assedio de Elvas, ou de alguma das outras praças da raia, as quaes, estando apercebidas para uma vigorosa resistencia, dariam tempo ao conde de Villa Flor de escolher opportunidade para se estrear na campanha.

Eram estas então as praticas da guerra geralmente usadas na Europa. Nenhum general de reputação se internava n'um paiz contrario, deixando atraz de si praças fortes em poder de forças inimigas.

Porém D. João d'Austria, que devia os seus triumphos na Italia ao arrojo dos seus planos e á rapidez da execução, tentou crear uma nova tactica, que desconcertando os que pretendessem oppor-se-lhe, levasse o desanimo e o terror ao centro de toda a acção governativa.

N'este intuito caiu D. João d'Austria, quasi de improviso, com todo o seu exercito sobre a cidade de Evora. Este acontecimento foi para todos um verdadeiro sobresalto. Na cidade a consternação e a discordia annullaram os fraquissimos meios que havia de resistencia. O conde de Villa Flor não se atreveu a vir atacar os castelhanos, nem a prudencia lhe aconselhava tal, nas vastas planicies que cercam Evora, contando elles mais do duplo da força de cavallaria de que dispunha o conde. Tratou portanto de engrossar as suas tropas, chamando parte das guarnições das praças da fronteira, dispondo-se para entrar em acção o mais breve possivel.

Ao cabo de alguns dias de expugnação rendeu-se a cidade ao inimigo. Esta nova recebeu-a o conde, vindo já em caminho para libertar os sitiados.

Mal se poderá descrever o effeito moral que produziu em Lisboa a tomada de Evora. Com esta nossa imaginação peninsular, avezada a dar ás coisas maior vulto e côres mais vivas que o natural, espalhou-se por todos os habitantes um terror desmesurado, e abateu-se o espirito publico de um modo incrivel.

Com a mesma promptidão com que dariam tudo por ganhado ao saber de uma victoria, tudo deram por perdido ao receber aquelle infausto annuncio.

Realisou-se a capitulação de Evora em 22 de maio. Constou em Lisboa na tarde do dia 24. Essa tarde foi triste e lugubre como um dia de finados. Viam-se por todas as praças e ruas grupos de povo como rosto pesado, fallando baixo, e olhando com desconfiança em torno de si. Era a noticia que passava de bocca em bocca, sempre crescendo em circunstancias aterradoras. E o povo, sob a impressão do terror, censurava faltas passadas, receiava-se de traições presentes, e previa mil desgraças futuras.

Germinaram estas sementes de desordem durante a noite; e no dia seguinte rebentaram tumultos assustadores. Logo pela manhã encheu-se de povo o terreiro do Paço. O seu aspecto era mui differente do da vespera. Em vez de tristeza e pavor, os semblantes mostravam ira e resolução. Em vez de se abaixarem as vozes para que não saissem do recinto de um pequeno circulo, alteavam-se adrede para que soassem atravez das janellas dos paços da Ribeira. De hora para hora crescia o concurso, e augmentava a agitação dos animos.

No paço reinava o desgosto, a inquietação e a perplexidade. El-rei e os ministros, que já se viam pesarosos com a perda de Evora, e indecisos entre tantos e tão oppostos alvitres que se apresentavam para occorrer a defensa do paiz, achavam-se agora ainda mais afflictos e mais perplexos diante dos alvorotos populares.

A todos parecia impolitico e arriscado reprimir uma manifestação do enthusiasmo do povo pelas liberdades patrias, no momento em que seria preciso appellar para o seu patriotismo, a fim de se obterem braços e dinheiro para as urgentissimas necessidades da guerra. Porém, ao mesmo tempo, a todos se antolhava um grande perigo, deixando progredir o tumulto, cujas consequencias não se podiam prever.

El-rei, com o seu genio ora timorato, ora arrebatado, passeava agitadamente na sala de audiencia diante dos seus ministros e conselheiros, umas vezes inquirindo-os sobre o que devia fazer-se em tão criticas circunstancias, outras vezes exprobrando-lhes a sua irresolução e fraqueza.

Então o secretario de estado Antonio de Sousa de Macedo, que era de animo insoffrido, corre a uma janella da sala, e grita ao povo que se afaste para o lado opposto da praça. Depois manda traçar um risco no meio d'ella, e brada, que todos aquelles valorosos que quizessem ir defender a liberdade da patria, passassem para o lado do paço. O ministro, pensando dar assim direcção util ao enthusiasmo popular, não fez mais que lançar polvora no incendio.

Respondendo áquelle convite, precipita-se do risco para dentro tal multidão de homens, e tão desordenadamente, que se empurram, atropellam-se, e maltratam-se uns aos outros. No meio d'isto levanta-se uma voz, dizendo, que *traidores haviam morto a el-rei*. Então a vozeria e confusão chegaram ao maior auge. Todas as insinuações de traição que se faziam na vespera em voz baixa, convertidas agora em accusações abertas, soavam em brados clamorosos e enraivecidos.

Debalde appareceu el-rei á janella, para convencer o povo de que estava vivo e são. Debalde tentaram os ministros, e mais pessoas que cercavam o rei, prégar a paz, e persuadir a necessidade da união. O povo já não via nem ouvia senão o que as más paixões lhe mostravam ou dictavam. E cego por ellas, não lhe cabendo a sanha no amplo recinto d'aquella praça, carecendo de mais vasto theatro para a representação dos seus furores, corre em tropel pelas ruas da cidade, apodera-se de tudo o que encontra, que lhe possa servir de armas, e accommette as casas dos que vae acoimando de traidores com o impeto e

furia com que accommetteria os inimigos naturaes do seu paiz.

Um dos indigitados á vindicta popular como traidor era o marquez de Marialva, o heroe das *Linhas de Elvas*, o mais denodado campeão da independencia de Portugal! Assim o palacio do marquez foi n'um momento cercado e atacado por aquella turbamulta.

Achava-se no palacio a marqueza com as filhas e familia. Ao primeiro annuncio do perigo tinha esta senhora mandado fechar e fortificar todas as portas e janellas. E com isto se julgou segura, crendo que as iras do populacho se desabafariam em insultos e injurias de palavras. Enganou-se infelizmente.

Apenas a multidão chegou á frente principal do palacio, que deitava para o largo hoje chamado do Loreto, arremetteu ás portas, e depois ás janellas. Achavam-se estas tão bem fortalecidas, que resistiram por muito tempo a continuos e vigorosos assaltos.

A resistencia exasperou os assaltantes a ponto de irem buscar combustiveis para incendiar o palacio. Por fortuna, no instante em que se ia lançar fogo a uma porta, cedeu esta aos impulsos que de fóra lhe davam, ou porque de dentro facilitaram o ingresso para evitar maior ruina.

N'um relancear d'olhos inundaram-se de povo todos os aposentos; e as ruas adjacentes apresentavam um espectaculo de assolação. Misturavam-se com o alarido dos amotinados os gritos de soccorro dos famulos perseguidos e espancados. E por todas as janellas das quatro frentes do palacio arremeçavam-se á rua ricos moveis, e preciosas alfaias, que em breve ahi mesmo eram o pasto das chammas.

A marqueza, pouco antes da invasão do palacio, tinha conseguido fugir, disfarçada com a capa de uma criada, por uma porta que dava saída para a travéssa dos Gatos, e levando comsigo as filhas, fôra refugiar-se no convento das freiras da Esperança.

Quando todos os moveis estavam reduzidos a cinzas ou a pedaços, bradaram algumas vozes: «fogo ao palacio!» E immediatamente se foi dar começo a esta nova scena de destruição.

N'esse momento chegou o conde de Sarzedas, e rompendo com heroica resolução por entre o povo, exprobra-lhe a sua ingratidão, e exalta os serviços do marquez de Marialva. A nobre presença do conde, a auctoridade da sua pessoa, a expressão indignada da sua physionomia, a eloquencia concisa de suas palavras, o som energico e imperativo da voz, e, mais que tudo isto, o arrojo e valor com que arrostava toda aquella braveza indómita, impozeram silencio e respeito ás turbas.

O palacio foi salvo das chammas, e o povo foi-se retirando pouco a pouco.

Nos outros sitios de Lisboa, onde ao mesmo tempo se passavam eguaes successos, tambem pela tarde se foi serenando a tormenta, concorrendo muito para isso, não a tropa, que chegou tarde, mas differentes communidades de religiosos, que sairam em procissão pelas ruas da cidade, levando o S. Sacramento, e entoando preces a pedir a Deus paz para o reino e socego para os espiritos.

O povo chamou depois a este grande tumulto o *santo motim*, porque excitou e compelliu o governo a pôr em execução muitas, promptas e energicas providencias, para obstar ao progresso das armas castelhanas. Enviaram-se soccorros ao conde de Villa Flor, habilitando-o d'est'arte a buscar o inimigo; e organisou-se em Aldeia Gallega um novo exercito, cujo commando se confiou ao marquez de Marialva.

Succedeu, como dissemos, o *santo motim* em 25 de maio. No dia 8 de junho deu-se a batalha do Canal, ou do Ameixial, a pouca distancia de Estremoz, em que ficou vencido o conquistador de Napoles, e completamente desbaratado o seu exercito por D. Sancho Manuel de Vilhena, conde de Villa Flor.

E no dia 24 do dito mez, depois de um curto assedio, e ao cabo de uma forte resistencia, entraram triumphantes na cidade de Evora o conde de Villa Flor e o marquez de Marialva.

Mais de quatro mil homens mortos no campo; mais de seis mil prisioneiros, em que entravam o marquez de Liche; D. Aniello de Gusmão, filho do duque de Medina de las Torres; o conde de Escalante; o conde Fiesco; o conde de But; o conde de Locesquein, e óutras pessoas illustres; toda a artilheria, e grande quantidade de armas; mil e quatrocentos cavallos; dois mil carros de bagagens, em que se acharam mui valiosos objectos de oiro e prata, e grande porção de joias; dezoito carroças, ou coches, sendo tres pertencentes a D. João d'Austria; a secretaria d'este principe com todos os seus papeis, alguns dos quaes continham segredos importantissimos; doze bandeiras de infanteria; muitos estandartes de cavallaria; e o proprio estandarte de D. João d'Austria, com as armas reaes de Castella de um lado, e do outro a sua empreza, que era o sol em ceo azul, dando resplendor a lua entre estrellas, com o seguinte mote: *Si no es sol, será deidad;* taes foram as perdas de Castella, e os tropheos de Portugal na memoravel batalha do Canal.

Na tomada de Evora cairam em poder dos nossos treze peças de artilheria, muita copia de armamentos e munições, e oitocentos cavallos. Os quatro mil castelhanos que defendiam a cidade obtiveram a liberdade pelas condições da capitulação, sendo-lhes permittido o regresso para Hespanha só d'ahi a tres mezes.

Assim naufragaram, pois, em tão breve espaço de tempo, as loucas esperanças de Filippe IV, e a orgulhosa jactancia de D. João d'Austria.

Quanto ao palacio do marquez de Marialva, que ficou sendo monumento historico como residencia de tão insigne varão, e como theatro de tão deploravel acontecimento, não resta d'elle mais que o sitio que lhe serviu de assento, algumas memorias escriptas, e o desenho do angulo do norte da sua frente principal, que se vê representado na gravura junta, copiada de um desenho fidedigno que no seu album conserva o sr. Julio de Castilho, e por elle passado para a madeira, a fim de entrar na serie de vistas de Lisboa antiga que temos começado n'este volume.

Este palacio não tinha magnificencia, mas era mui vasto. Occupava todo o terreno da nova praça de Luiz de Camões. Arruinou-o o terremoto de 1755, e acabou de o destruir o incendio que resultou d'aquelle cataclysmo. Passados annos foram-se construindo mesquinhas barracas nas partes mais arruinadas do palacio, e nas menos destruidas fizeram-se reparações e edificações, onde se accommodavam muitas familias.

A esta reunião informe de ruinas, barracas e velhos edificios, chamou o publico modernamente *os casebres do Loreto*.

Pela morte do marquez de Marialva, succedida em Paris, onde era nosso embaixador junto de Luiz XVIII, entraram na posse d'aquelles edificios, bem como de todos os morgados da casa de Marialva, os senhores duques de Lafões.

Os casebres do Loreto foram durante annos successivos objecto de muitos artigos dos jornaes, e de muitos esforços dos governos, dirigidos a obter a sua demolição. Vencidas finalmente todas as difficuldades da expropriação, foram arrasados no outono de 1858. No seu logar está-se edificando actualmente a praça de Luiz de Camões, que será ornada com o monumento erigido á gloria do principe dos poetas portuguezes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 179)

III

N'este ponto da sua narração, Rodrigo—era este o nome do pae de Chiquinho—fez uma pausa.

Havia já alguns minutos que a commoção lhe opprimia a voz; pareceu extinguir-se de todo.

Examinei demoradamente o meu rustico narrador.

Devia andar perto dos sessenta annos, mas não tinha ainda os indicios da velhice; apenas alguns cabellos brancos; algumas rugas ao canto dos olhos apenas. A sua figura, alta e bella, curvava-se um pouco, mas o rosto conservava ainda uma frescura quasi juvenil. Tinha a fronte intelligente, o sorriso de uma grande bondade, o olhar malicioso, ás vezes. O que principalmente agradava n'elle, era o tom simples, sereno, e sensivel do seu todo. Ao confiar-me as suas mais santas impressões de pae, soubera encontrar phrases, accentuações, imagens, de uma distincção original, de uma poesia ingenua e caracteristica. Por baixo d'aquella casca grossa, batia evidentemente um grande coração.

Quanto a mim, aquella narrativa simples e interessante commovêra-me. E depois, era á beira do mar que eu a escutava, no seio da mais encantadora natureza que se possa imaginar, e á sombra das maceiras, que, agitando-se ao sopro da brisa, pareciam querer peneirar cada raio de sol n'um scintillante pó de diamantes! Os insectos perdidos na relva, as aves esvoaçando nas sebes, tudo brincava, tudo gorgeiava em redor de nós, mas suavemente, e como que em surdina. Era meio dia, a hora em que dormitam todas as creaturas livres, e em que até a vegetação faz a sésta. Por cima de nossas cabeças, no ceo azul, corriam milhares de nuvens, aqui brancas de neve, alli docemente rosadas pelo ardor do dia. Estavamos rodeados de todos os lados por horisontes admiraveis, cheios de murmurios longinquos. Por traz de nós estavam pittorescas e verdejantes collinas; diante de nós, a perspectiva infinita do mar, que scintillava levemente agitado sob ondas de luz. E tudo se espalhava em roda da arvore, a cuja sombra estavamos sentados, uma maceira em que pareciam haver-se dado entrevista todas as toutinegras e pintasilgos do sitio!

Parece que estou a ouvir-vos dizer—O que! O que! Relva alta, á beira-mar! Maceiras e sebes, postas alli de proposito para servirem de leque ás banhistas! É impossivel!—A isto, responderei apenas—Ha só um cantinho na terra em que possa gozar-se de todas estas maravilhas, e d'este oasis abençoado por Deus—é Giraldes!...

Tornemos, porém, á nossa historia.

Havia já alguns instantes que com o cotovelo encostado ao joelho, e a fronte na mão, Rodrigo parecia meditar. Ergue de repente a cabeça, e espalhando em redor um olhar humido ainda, proseguiu:

—Foi n'este mesmo sitio, que o meu Chiquinho teve a honra de fazer conhecimento com a familia do sr. Xavier da Fonseca, que escolhêra este local como o mais solitario da aldeia. Todas as crianças do sitio seguiram esta familia no dia em que veiu ver a barraca que mandára levantar na praia; na primeira fila dos curiosos estava Chiquinho, mas como receiava que elle me fugisse outra vez, acompanhára-o eu. Conforme o senhor já haverá supposto, o pequeno não ia alli para mais nada senão para ver.. a menina. Approximára-se d'ella o mais possivel, e com o corpito meio escondido pelo tronco de uma arvore, a cabeça estendida, e o sorriso nos labios, parecia não viver senão pelos olhos. Seguro de que elle não fugiria d'alli, segui a direcção do seu olhar.

A menina tinha effectivamente parecenças com a nossa pobre Catharina, pelo menos tal como nós a viramos nos ultimos dias da sua doença, e admirei-me até de que esta simillhança não me houvesse impressionado na vespera. Era, sobretudo, a mesma magreza, a mesma pallidez. Pobre menina! Dir-se-hia que estava para deixar a terra. Nunca vi creatura mais debil e doente. Mal podia suster-se em pé. A mestra e a mãe é que a amparavam. As suas longas mãos, tão brancas que eram quasi transparentes, caiam languidamente com as prégas direitas do seu vestido. Em quanto ao rosto, não se lhe via senão uma coisa, os olhos, os olhos enormes e brilhantes, rodeados de um grande circulo escuro, suavissimos, cheios de ternura e de meiguice. Tenho ouvido contar que quando nos bosques se mata uma côrça, ella tem no ultimo olhar, febril e choroso, tanta tristeza, tanta saudade da vida, que ao dar-lhe o ultimo golpe, volta-se a cara para o lado e sente uma pessoa vontade de chorar tambem;—os olhos da menina eram assim. Não pense, comtudo, que era feia; longe d'isso; nada mais bonito e gracioso do que o seu rosto, coroado por cabellos de uma côr tão negra, que fixava alli como reflexos do sol. Olhava a gente para ella, e achava-se a pensar nos anjos!

Viu finalmente Chiquinho, e olhou-o durante um instante. Elle tornou-se immovel como uma estatua, susteve a respiração, e caíu como que em extase.

—Oh! Que bonita criança! murmurou ella em fim, com uma voz tão suave que parecia musica.

E deu um passo para a maceira.

No logar de Chiquinho, qualquer outra criança de aldeia haver-se-hia logo assustado; mas elle, ao contrario, andou mais para diante ainda.

—Dás-me um abraço, pequenito? perguntou-lhe a menina, estendendo os braços.

Elle não se fez rogar, e saltou-lhe ao pescoço, cobrindo-lhe a cara de beijos, a rir e a chorar.

—Ah! Eu bem sabia que eras tu, minha irmã,... minha querida irmã Catharina!

Este impeto havia sido tão espontaneo, que a pobre menina ficára suffocada e cambaleou como se estivesse á morte. Juntaram-se todos em roda d'elles, mas quando quizeram tiral-a dos braços de Chiquinho, o negocio foi mais serio.

—Não! gritava elle entre gemidos misturados de gritos de alegria. Não! Encontrei-a em fim, e não quero separar-me d'ella nunca mais!

A pobre menina pôde finalmente ter voz, e foi para pedir que não contrariassem mais a criança. Depois, fazendo-o sentar ao seu lado, na relva, interrogou-o sorrindo. Chiquinho então disse coisas... Ih Jesus, senhor! só de me lembrar d'isso já estou com as lagrimas nos olhos! Elle persistia na sua illusão, e ralhava com ella por haver estado tanto tempo ausente: depois, quisilando-se por ella não querer recordar-se, contava-lhe a doença de Catharina, a sua ultima hora, o enterro, a magoa que todos haviamos tido. E dizia tudo tão gentilmente, tão palpitante de ternura e alegria, que a donzella, ainda que sem comprehender, pareceu commovida.

Consegui eu então fazer-me ouvir, e alli se explicou tudo.

—Pobre anjinho! disse a donzella no fim, com a physionomia enternecida.

E tomando nas brancas mãos a loira cabeça de meu filho, abraçou-o ella tambem.

— Ah! disse Chiquinho com um ar de triumpho. Ah! Bem vêem que sou seu irmão!

E agarrando-se-lhe ao pescoço, acrescentou como louco de prazer:

— Morro por ti!

Correram lagrimas pelo rosto pallido da donzella, e, conchegando Chiquinho ao coração, disse-lhe:

— Tambem eu te adoro, pequenino! E, prometto-t'o, serei tua irmã.

(Continúa) JULIO CESAR MACHADO.

BUSTO DE CAMÕES PARA A GRUTA DE MACAU

Publicámos já a pag. 17 do vol. I o desenho da gruta de Camões, em Macau, que d'alli trouxe o nosso collaborador e amigo Carlos José Caldeira. No artigo que acompanha aquella gravura, escripto pelo mesmo auctor, está mui cabalmente feita a descripção d'este memoravel sitio. Ahi se diz que no centro da gruta ha um pedestal que tem gravadas na pedra seis oitavas dos *Lusiadas*, e que sobre elle está o busto de Camões, modelado em greda, e bronzeado por artistas chinezes.

Para substituir este busto por outro de bronze, mandou o benemerito proprietario da gruta, o sr. Lourenço Marques, fazel-o a Lisboa, e é d'elle que hoje damos um fiel transumpto.

Commetteu o sr. Lourenço Marques ao sr. C. J. Caldeira, seu correspondente n'esta côrte, a superintendencia d'esta obra. Foi o sr. Bordalo Pinheiro encarregado de modelar o busto em gesso, para se fundir em bronze no arsenal do Exercito.

Tratou o artista de consultar pessoas competentes sobre a escolha do retrato que havia de tomar para typo. O sr. visconde de Juromenha, que tão porfiados estudos tem feito sobre a vida do nosso grande épico, facultou-lhe quantos possuia, indicando-lhe como o que reune mais probabilidades de verdadeiro, aquelle que publicou Manuel Severim de Faria nos seus *Discursos*, edição de Evora, 1624. Por este retrato, e pela attenta leitura da vida do infeliz poeta, ultimamente dada á luz pelo mesmo sr. visconde, é que o habil esculptor compoz a physionomia do busto, que nos parece estar bem estudada, porque revela com muita naturalidade as amarguras que abreviaram a vida de quem «foi mais afamado que ditoso», e juntamente denota certa altivez propria do caracter indomito que teve Luiz de Camões.

Feito o modelo, encarregou-se da fundição do busto o apparelhador da officina n. 1 do arsenal do Exercito, o sr. Felisberto José Pereira, que fez obra perfeita, louvada não só pelos entendedores, mas officialmente n'uma ordem da inspecção do referido arsenal, em data de 27 de março do corrente anno.

Foi este perito fundidor coadjuvado pelos operarios da sua officina, Cyrillo Antonio Teixeira e Hypolito José, aos quaes, em recompensa de tão bom trabalho, se lhes augmentou o jornal, sendo egualmente louvados pelo benemerito inspector do mesmo arsenal, o sr. marechal Barreiros, que tem levantado aquelle estabelecimento da decadencia em que jazia.

Tão perfeita se julgou a fundição d'este busto, que o governo mandou se tirasse segundo exemplar para o museu do arsenal, que ficou tão bom como o primeiro.

Consta-nos que esta obra importou, apenas, em 265:000 réis, modelo, fundição e mais despezas accessorias; pesando o busto 49 kilogrammas (107 arrateis) de bronze.

Sobre o plintho, n'uma pequena medalha, estão gravadas as armas da familia de Camões, que ao esculptor ministrou o sr. Manuel Bernardo Lopes, desvelado antiquario, e grande admirador do nosso poeta.



Busto de Camões para a gruta de Macau

Por muitos dias esteve o busto em exposição publica na sala d'armas do arsenal, attrahindo grande concurrencia, e dignando-se S. M. El-Rei ir tambem ver aquella obra de artistas nacionaes.

Á vista d'esta prova, parece-nos que não haverá receio de mandar tambem fundir no arsenal do Exercito a estatua de Camões que ha de modelar o sr. Victor Bastos, para o monumento cujo desenho já publicámos. Se o fundidor Felisberto se atrever com esta obra, deve-se-lhe encarregar, evitando-se d'este modo que algum estrangeiro obscuro venha repetir os aleijões que por ahi vemos, nos trabalhos que levianamente lhes temos mettido nas mãos, sem criterio nem fiscalisação.

Mui digno da gratidão nacional é o sr. Lourenço Marques, por ter conservado e ornado a celebre gruta de Macau, onde, segundo a tradição, o poeta se recolhia a meditar, e acaso a escrever o famoso poema das nossas façanhas maritimas.

Alli tem o sr. Marques gastado muitos contos de réis; mas em compensação, todos os nacionaes e estrangeiros que accorrem a visitar aquelle logar consagrado a tão grande homem, prestam homenagem ao seu patriotismo, e não poucos são já os louvores que lhe tem tributado, de envolta com os do poeta, nas inscripções, em diversas linguas, de que estão cobertas as pedras e arvores d'aquelle recinto. O seu nome é sempre citado honrosamente em todas as obras que tratam de Macau.

Apraz-nos mencionar, que o sr. Lourenço Marques é um dos mais qualificados cidadãos de Macau; abastado e probo negociante d'aquella praça; oriundo de

uma familia illustre d'aquella cidade, e que tem sido constantemente até hoje membro do leal senado, e procurador da cidade, cargo importante, em virtude do qual se corresponde directamente com as auctoridades chinezas, tendo alçada de julgar e castigar os chins por crimes a que cabe pena correccional.

Todos os que prezâmos a memoria do grande Camões, não podêmos deixar de sympathisar com este illustre macaista, que tanto ama e zela o logar onde o desventurado poeta, desterrado da patria, temperava a lyra para lhe cantar as glorias, incitando os mal recompensados, como elle, a nunca a renegarem, exclamando:

Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem, a grandes obras sempre o peito,
Que por esta ou por outra qualquer via,
Não perdera seu preço e sua valia.

Tambem merece parabens o nosso collaborador artistico, o sr. Bordalo Pinheiro, pelo feliz exito d'este seu trabalho. Sabemos que elle teve permissão do sr. Marques para reproduzir o modelo do busto, a pedido de muitas pessoas que o desejavam.

Na sua officina, praça da Alegria 106, se vende por accommodado preço. Tambem alli se acceitam encommendas de obras de esculptura e de pintura, tanto para o reino como para o Brasil e possessões ultramarinas.

D'este laboratorio do sr. Bordalo Pinheiro tem saído alguns monumentos sepulchraes de bom desenho, e perfeito acabamento; actualmente esmera-se elle na execução do jazigo que, para si e sua familia, mandou fazer o digno par Antonio de Azevedo Mello e Carvalho.

CHAFARIZ DEL-REI

(Vid. pag. 177)

A descripção e medição que se vae ler, foi achada pelo auctor d'esta memoria no archivo da camara municipal. Não tem data, mas inculca ter sido feita nos fins do seculo XVII.

Como porém o chafariz del-Rei está quasi no mesmo estado, interiormente, com as poucas alterações que ao diante se hão de apontar, serve a descripção antiga para dar uma perfeita idéa das suas copiosas nascentes, e da sua successiva construcção.

«O chafariz del-Rei consta de seis bicas de pedra, com seus bocaes de bronze, todas em uma linha direita (lançada de nordeste a sudoeste), de 80 palmos de comprido, e distam entre si 11 palmos.

«Todas correm sobre um plano de 40 palmos de largo, e 80 de comprido, o qual fica mais baixo que o terreno natural 6 palmos, e para elle se desce por duas escadas de 28 palmos de largo, uma da parte do noroeste e a outra do nordeste, com 9 degraus; cada um tem 2 palmos de passo, e $^2/_3$ de alto, o que juntos fazem a dita altura de 6 palmos.

«No lado opposto ás bicas corre um mainel de 120 palmos de comprido e 11 de alto pela parte interior, e $4^1/_2$ ditas pela exterior, o qual fica cobrindo as escadas, e o plano do chafariz, e serve de amparo para não caír a gente que passa. Toda esta obra é lavrada de pedraria lioz.

«Detraz da linha das bicas está uma grande arca e conserva d'agua de 50 palmos de comprido, 38 de largo, e 8 de fundo, que tantos ha de primeiro n'ella subir a agua para poder chegar ás bicas. É descoberta pela parte de cima; as quatro paredes são de cantaria (quanto alcança a agua), d'alli para cima é alvenaria, e sobem á altura de 60, 80 e 100 palmos, ficando tudo fechado, e tapado de sorte que para dentro não ha janella nem fresta alguma; o fundo d'ella é quasi todo de uma areia morta, molle, na côr tirante a amarello, e misturada com barro; em parte é rocha viva, e em parte pedra sêcca, tendo algumas lages tambem assentadas em sêcco.

«N'este fundo, entre as areias e o empedrado, nascem varios olhos d'agua, que é a principal do chafariz.

«D'esta grande arca, 80 palmos para a parte do noroeste, fica uma alfurja, que serve para despejos das aguas dos telhados interiores, situada entre duas escadas de pedra, que dão serventia aos dois quartos, alto e baixo, das casas do conde de Villa-Verde; na ilharga d'esta alfurja, da parte do poente, nascem dois olhos d'agua ambos juntos, dos quaes até ao presente não havia noticia alguma, e agora se descobriram pela occasião seguinte.

«No anno de 1699 se perturbou esta agua do chafariz com tanto barro, terra e entulho, que estava incapaz de se beber, e por se ignorar a causa d'esta turbação, o senado a mandou examinar, o que logo se fez na fórma seguinte.

«Vasou-se o tanque da conserva d'agua, e no fim d'elle, junto ao angulo que olha para o norte, se achou uma embocadura de cano, alta 2 palmos, larga $^2/_3$, e por esta bocca vinha uma grande porção de agua turva, que infeccionava toda a mais; mas porque tambem se ignorava o principio d'esta embocadura, se foi logo buscando, e se achou na entrada do beco coberto, que por detraz do chafariz sobe para o arco de S. Pedro, [1] uma arca pequena de 5 palmos de comprido e 3 e $^1/_2$ de largo, feita de tijolos, coberta com uma lage enterrada 20 palmos, porque alli vae o terreno alteando; e logo mais dentro no mesmo beco, e no mesmo nivel, appareceu outra arca da mesma fórma que a primeira [2].

A esta segunda arca pela parte do norte, acudiu uma grossa veia d'agua; esta foi-se seguindo por espaço de 80 palmos, sempre por meio de entulho e terra movediça, por entre os quaes, sem artificio algum, a mesma agua naturalmente se tinha encanado até passar além da alfurja. Aqui se achou um vasio de 35 palmos de comprido, 25 de largo e 20 de alto, e por cima tudo carregado de entulho até ao pavimento do pateo descoberto da entrada alta das casas do conde de Villa-Verde, que fica mais alto 50 palmos. No meio d'este vasio se acharam os ditos dois olhos d'agua até aqui ignorados; os quaes com o movimento do seu nascimento, tinham solapado aquelle vão, e levado comsigo até ao tanque, todas aquellas materias que viciavam e turbavam a agua do chafariz.

Remediou-se este damno, levantando-se duas paredes nos lados d'estes olhos d'agua, cobertas com abobada dobrada de tijolo, para ficar servindo de mãe d'agua, em fórma de mina; tem esta de comprido 25 palmos, altura 10 e largura $4\ ^1/_2$.

«D'este logar até á arca do beco coberto, que vae a S. Pedro, se fez de novo uma mina seguindo a mesma direcção que a agua trazia, larga 4 palmos, alta o que basta para entrar um homem. Suas paredes no fundamento é pedra sêcca, no alto são de

[1] O arco de S. Pedro era a antiga porta da cidade, e uma das doze que havia na fortificação primitiva até ao tempo del-rei D. Fernando, porque esta porta ficava bem defronte da porta principal da freguezia de S. Pedro d'Alfama, que tendo sido inteiramente destruida pelo terremoto de 1755, foi transferida para Alcantara, aonde se lhe marcaram limites pela ultima divisão de 19 de abril de 1780. O antigo terreno da freguezia é hoje occupado pelas propriedades n. 5 a 9 (antigo), no largo de S. Raphael; e o logar da antiga porta é ao presente a loja n. 113 (antigo), na rua d'Adiça, ultimo numero da dita rua.

[2] Já fizemos menção de que a agua do poço de Francisco de Sousa, foi mandada levar a este chafariz em cano separado, por alvará de 11 de março de 1598; e póde mui bem ser que aquellas duas arcas, e embocadura de cano no angulo que olha para o norte, se fizessem para esse effeito.

pedra e cal, e coberta de abobada tambem dobrada; o chão é calçado de pedra sêcca, por se entender que n'este caminho poderia haver alguns olhos d'agua, e d'esta sorte se aproveitarem. Esta mina fica toda enterrada, mas logo á flor da terra.

« Para se entrar n'ella tem duas boccas, ou entradas; uma na ilharga da alfurja, aonde está uma porta com umbreiras, verga e couceira tudo de lancil; tem de alto 5 palmos, de largo 3; está tapada de pedra e cal, e no tapume uma pedra de palmo e meio em quadro, e n'ella aberto esta legenda: *Arca do Chafariz.*

A outra bocca da mina fica no meio do beco coberto [1] que sobe para S. Pedro, e tem outra pedra similhante de palmo e meio em quadro, embutida na parede da banda do chafariz, 10 palmos alta do chão, com esta inscripção: *Ao pé d'este está a bocca da mina do Chafariz.* 1700.

« No meio d'este beco, que tem 8 palmos de largo, se hão de cavar 8 palmos, e logo acharão a outra lage que cobre a bocca da mina.

« Esta obra mandou fazer o senado no anno de 1699, sendo presidente D. Francisco de Sousa.

« O tanque, ou conserva do chafariz, leva (até á embocadura das bicas) 304 pipas de agua na fórma seguinte.

« Tem de comprido 50 palmos, largo 38, alto 8, que fazem 15:200 palmos cubicos.

Um palmo cubico leva mais de 7 canadas, mas por dar abatimento ao vão que occupam a arca da bomba, e um lanço de muro baixo, que estão dentro d'esta conserva, lhe daremos sómente 6 canadas a cada palmo cubico; multiplicando os 15:200 palmos cubicos por 6, fazem 91:200 canadas; estas repartidas por 300, que é o valor de uma pipa de 25 almudes, dão 304 pipas, que é a capacidade d'este tanque.

Enche-se em 11 horas, pelo que em 24 produz 663 pipas, e em cada hora mais de 27 pipas e meia.

Cabe a cada uma das bicas no espaço de 24 horas 110 pipas e meia, e em cada hora 4 pipas e meia.

A bocca de cada uma das bicas tem 4 anneis d'agua, e todas juntas fazem 24 anneis, ou manilha e meia d'agua, porque cada manilha são 16 anneis [2].»

Diz o auctor d'esta relação, que o chafariz tem 6 bicas todas em uma linha de 80 palmos de comprido, e que distam entre si 11 palmos. Bem se deixa ver que aquelle frontispicio apainelado é coévo de todas as bicas, que são 9, e não 6, como se menciona.

Tambem medimos, e por duas vezes, tanto por fóra como por dentro, para mais segurança, as distancias entre cada uma, e achámos 10 palmos exactos; ora, sendo oito os intervallos, eis-ahi temos a linha de 80 palmos, como diz aquelle auctor, e rigorosamente assim é; por isso diligenciámos, quanto nos foi possivel, para achar a epocha certa em que houve o augmento das tres bicas, e nada mais encontrámos senão, que em 3 de outubro de 1774 começaram alli umas obras, que, segundo o registo das folhas semanaes, duraram até 24 de Junho de 1775, gastando-se em aviamentos 298$720, e em jornaes 972$845, total 1:271$635 réis; porém esta quantia, por diminuta, não corresponde á obra que alli se vê; e porque o auctor no calculo que faz da capacidade da conserva dá abatimento a um lanço de muro baixo que está dentro da mesma, e este muro é o cano por onde corre a agua da nova nascente para as 7 bicas que ficam da parte da Ribeira-Velha, sem se misturar com a primitiva da conserva, dá isto indicios de que tal augmento se fizesse no mesmo anno de 1699. Comtudo, nada podêmos assegurar por falta de noticias, não obstante quanto trabalhámos para as conseguir.

Ao presente está já alterada esta descripção do interior do chafariz. Toda a conserva, ou arca d'agua, é coberta por cima; e talvez desde o anno de 1517, pelo contrato feito com Lopo d'Albuquerque, como já mencionámos; e além d'isto, da parte do sueste não tem parede; pela primeira porta que ha passado o arco, e que tem por cima as armas da cidade, acha-se um corredor, e a conserva fica á esquerda, tocando a agua quasi na aresta do pavimento do mesmo corredor, sem parede, nem amparo algum, de maneira que, se alguem alli estiver menos cauteloso, póde facilmente cair dentro d'este grande lago.

(Continua)

[1] O beco coberto de que se falla, é ao presente o beco da Silva, o segundo á direita, na rua de S. João da Praça, vindo da egreja, e termina no beco das Moscas. Descendo por elle se vê ao lado direito uma pequena porta, em fórma de janella de peito, com seu ferrolho; e por cima a mesma pedra com a inscripção mencionada; com a differença porem, que a arca d'agua fica do lado esquerdo. É preciso subir a esta porta ou janella, e depois descer sete degraus, para entrar pela mina, que fica em frente, e conduz á claraboia já mencionada. Observámos, que o pavimento de lagedo está muito inclinado para a parte da nascente da agua, que não é no centro da claraboia, como de costume, mas sim ao lado direito; o que inculca escavação pela força da grande nascente; e isto póde um dia dar logar a grande prejuizo.

[2] Faremos outro calculo mais rigoroso dando os mesmos 4 anneis a cada uma das 9 bicas. Cada annel são 8 pennas, e uma penna correndo effectivamente 24 horas, dá 8 pipas; logo as 9 bicas dão em 24 horas, 2:304 pipas; cada bica, nas mesmas 24 horas, dá 256 pipas; e em cada hora 10 pipas, 16 almudes e 1 canadas.

FAC-SIMILE DO ROSTO DA PRIMEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS — 1572

(Vid. pag. 183)

Bem julga Freire de Carvalho, dizendo — que se não póde convir em que Luiz de Camões fosse o copista do original de um poema cuja primeira edição é torpissima, pelos muitos erros de orthographia, de syntaxe, de metro, e de rima.

E não é só nos *Lusiadas* que se notam similhantes alterações, em exemplares da mesma data, e unica edição; ha muitos livros portuguezes d'aquelle seculo, e do seguinte, que no fim da pagina das erratas trazem a declaração de que alguns exemplares saíram expurgados dos erros alli notados. Se aos exemplares incorrectos se tirar esta pagina das erratas, que quasi nunca é numerada, cotejados com os corrigidos, hão de parecer de diversa edição, sendo elles da mesma, com a differença de algumas folhas de segunda tiragem, em que vão emendados os erros que o não foram na primeira.

Estas declarações são ordinariamente exigidas pelos auctores; mas quando elles não correm com a impressão, ou não vêem as provas, os editores evitam sempre taes avisos, para os compradores não lhes engeitarem os exemplares incorrectos.

O argumento da gravura, que serve de tarja ao rosto dos exemplares de 1572, estar ás avessas em muitos d'elles, tambem não prova que houvesse duas edições, porque as gravuras de madeira mettidas no prelo deterioram-se facilmente; e por isso inutilisando-se a que servira para a primeira tiragem, fez-se outra desenhada por um dos rostos impressos (de que resultou ficar ás avessas) para se continuar a impressão.

E não se julgue que esta gravura fôra expressamente feita para a edição dos *Lusiadas*; ha outros livros do seculo XVI que a trazem tal qual, por exemplo o *Summario de Lisboa*, de Christovão Rodrigues de Oliveira, *impresso em casa de Germão Galharde imprimidor del-rei*, muito antes dos *Lusiadas*. Pelo que bem póde ser que se começasse a impressão com uma gravura já velha, em quanto se estava fazendo outra. Além d'isto, os exemplares que trazem a gravura direita não são conformes no texto,

pelo que não serve este indicio para que os reputemos de primeira edição. Nem o exemplar da bibliotheca de Lisboa, nem o do sr. Minhava, segundo nos diz o sr. visconde de Juromenha, tem a transposição de seis oitavas no canto III que notou o academico Trigoso no que teve presente para o exame a que já alludimos.

Ainda mais. Se este poema tivesse tal voga assim que se publicou, não deixára Faria e Sousa de mencionar que se fizera d'elle mais de uma edição no mesmo anno, quando imprimiu a primeira vida de Camões; referindo-o sómente quando publicou a segunda, naturalmente induzido em erro pelas differenças que já se tinham notado nos exemplares datados todos de 1572.

Que Luiz de Camões vendêra o privilegio que requereu para imprimir os *Lusiadas*, e que por elle lhe deram mui pouco, infere-se, não só da pobreza e ruindade da typographia em que se imprimiram, mas porque não reviu as provas, deixando correr a impressão á revelia, não querendo ter mais trabalho com uma obra que lhe tinha sido tão mal retribuida, pelo rei e pelo editor.

Nos seguintes versos do canto V, está dada a rasão por que elle engeitou este parto do seu estro.

Sem vergonha o não digo, que a razão
De algum não ser por versos excellente,
É não se ver prezado o verso e rima;
Porque quem não sabe da arte não na estima.

E n'esta oitava do ultimo canto.

Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a *gente surda*, e endurecida.
O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
De uma austera, apagada, e vil tristeza.

Para nós é argumento decisivo de que Luiz de Camões não reviu nenhuma prova das tiragens da impressão do seu poema, o estarem todos os exemplares datados de 1572 crivados de erros vergonhosos.

O primeiro que os cotejou, o morgado de Mattheus, um dos que entende que houve duas edições no mesmo anno, e durante a vida do poeta, affirma, que examinando as duas suppostas edições de 1572, depois de as ter cotejado miudamente tres vezes, palavra por palavra, achára na que se julga primeira 160 erros typographicos; e na chamada segunda 133, além dos de pontuação.

Não só isto; mais de 35 versos emendou este zeloso critico, por lhe parecerem viciados; e ainda assim a sua famosa edição de Paris não é tida pela mais correcta.

Freire de Carvalho, no prefacio da edição Rollandiana de 1843, assegura que nos exemplares da chamada segunda edição de 1572 que examinou, achára 8 versos com syllabas de mais ou de menos, e para cima de 100 erros typographicos, communs a ambas as edições.

O sr. José Feliciano de Castilho, como já vimos, achou no exemplar da bibliotheca nacional de Lisboa que tem os indicios da chamada segunda edição, alguns erros mais que não vem na julgada por primeira.

Os quatro exemplares que actualmente possue a mesma bibliotheca, um dos quaes se diz ser da primeira edição, tambem discordam de outros que pareciam identicos, mas que bem cotejados apresentam differenças essenciaes.

Com que fundamento, pois, se tem julgado, por tantos annos, que houve duas edições dos *Lusiadas* no anno de 1572?

E ainda mais, como houve quem julgasse que o poeta tinha revisto as provas da chamada segunda edição, que tem quasi os mesmos erros da havida por primeira?

Mr. Mablin, sub-bibliothecario da Universidade de Paris, n'uma extensa carta dirigida á nossa academia, [1] esforçou-se em vão para mostrar que o morgado de Mattheus devêra ter seguido a chamada segunda edição de 1572, por julgar que esta fôra corrigida por Camões. Apesar de ser muito para louvar o trabalho a que se deu este sabio estrangeiro, confessâmos que nenhum dos seus argumentos nem exemplos nos convencem.

O que até aqui temos adduzido e ponderado, parece-nos bastante para fundamentar a opinião — de que Luiz de Camões não revira as provas da impressão do seu poema feita em 1572, e de que não houve mais que uma edição n'esse anno.



Idolo de um pagode do reino de Avá

Temos já publicado alguns desenhos dos pagodes do reino de Avá, na Birmania, vistos só pelo exterior. Hoje damos a gravura de um formoso idolo que os indigenas n'elles adoram, copiada de uma recente viagem a que já n'outro numero alludimos.

A mythologia da Asia é muito complicada, por isso os mythographos não são accordes na designação da divindade que representa este idolo. Póde ser que seja alguma das mil encarnações ou metamorphoses de Budha.

Apresentâmol-o apenas como amostra da perfeição da esculptura d'aquelles barbaros.

Este idolo é de oiro, e está mettido em um nicho de pedra.

[1] *Lettre à l'Academie des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusiadas. Paris. 1826.*